

Há esperança para a cura dos linfomas

13/07/2009

Diário do Grande ABC

Uma pesquisa desenvolvida em Ribeirão Preto (SP) pode tornar mais próxima a cura do câncer linfático. Depois de cerca de seis anos de trabalho, os cientistas conseguiram dar fim ao linfoma não Hodgkin em camundongos, comprovando a hipótese de que uma proteína estaria diretamente relacionada à formação desse tipo de tumor. Os próximos testes serão feitos com amostras de tumores humanos. A descoberta pode originar uma droga inibidora do câncer linfático.

Segundo dados do Inca (Instituto Nacional de Câncer), o linfoma (câncer que se origina nos gânglios) é o quinto câncer mais frequente em todo o mundo, e o número de casos duplicou nos últimos 25 anos. No caso do linfoma não Hodgkin, uma alteração genética faz com que existam, no material genético, várias cópias de um mesmo gene - o myc. Esse excesso leva à replicação anormal da célula e o comando para a replicação é dado por meio de proteínas.

"Se conseguíssemos barrar a ação dessas proteínas, impediríamos o desenvolvimento do linfoma", explica o médico Eduardo Rego, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP (Universidade de São Paulo).

CRUZAMENTOS - Para confirmar a influência das proteínas no desenvolvimento do linfoma não Hodgkin, os pesquisadores cruzaram dois grupos de camundongos alterados geneticamente. O primeiro grupo era composto por animais que apresentavam a doença e nos quais o myc estava superexpresso, ou seja, aparecia com muitas cópias. O segundo grupo, por sua vez, apresentava níveis muito baixos da proteína codificada por esse gene, a proteína L24, e os linfócitos estavam normais.

Os filhotes nascidos desses cruzamentos não desenvolveram linfoma, comprovando a hipótese inicial de que a proteína L24 teria relação direta com a replicação anormal das células, característica do câncer linfático. A próxima etapa do estudo é testar amostras de linfomas humanos.

"Em seguida, poderemos criar uma droga que se ligue à proteína L24 e impeça sua ação, inibindo o desenvolvimento do tumor maligno", prevê Rego.